

Douglas Borges Candido
Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla
(Organizadores)

UMA CONVERSA FRANCA ENTRE DEUS E A CIÊNCIA



Douglas Borges Candido
Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla
(Organizadores)

UMA CONVERSA FRANCA ENTRE
DEUS E A CIÊNCIA

 PUCPRESS

2023

©2023, Douglas Borges Candido e Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla
2023, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão

Fabiano Incerti

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Khalil Gibran Martins Zeraik Abdalla

Gerente de Identidade Institucional

Diogo Marangon Pessotto

Especialista do Instituto Ciência e Fé

Douglas Borges Candido

Tradução

Eduardo Portanova Barros

PUCPRESS

Gerência da Editora: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Clarisse Lye Longhi

Revisão: Clarisse Lye Longhi

Capa e projeto gráfico: Rafael da Matta Hasselmann

Diagramação: Rafael da Matta Hasselmann

PUCPRESS | Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da
Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Margareth Jansson Zanetti – CRB 9/1117

C766 Uma conversa franca entre Deus e a ciência / Douglas Borges Candido ; Khalil
2023 Gibran Martins Zeraik Abdalla (Organizadores). – Curitiba : PUCPRESS,
2023. 88 p. ; 23 cm

Inclui bibliografias

ISBN: 978-65-5385-052-1

ISBN: 978-65-5385-053-8 (e-book)

1. Religião e ciência. 2. Deus. 3. Igreja Católica. 4. Vida. 5. Criação. I. Candido,
Douglas Borges. II. Abdalla, Khalil Gibran Martins Zeraik.

23-141

CDD 20. ed. – 215

SUMÁRIO

Ciência e fé em diálogo: maturidade
intelectual e caminho de humanização5

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

Carta de Sua Santidade João Paulo II ao Reverendo George
V. Coyne, SJ, Diretor do Observatório do Vaticano.....17

A vida e a trajetória do Padre George V. Coyne, SJ35

Guy Consolmagno, SJ

A consciência do Universo.....41

Dom Ricardo Hoepers

A cooperação entre ciência e fé: uma mensagem
ética à sociedade contemporânea67

Douglas Borges Candido



PREFÁCIO

**CIÊNCIA E FÉ EM DIÁLOGO:
MATURIDADE INTELLECTUAL E
CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO**

Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ¹

Em sua carta a George Coyne, diretor do Observatório Astronômico do Vaticano (1987), João Paulo II propõe uma série de princípios para o diálogo e a cooperação entre ciência e fé, citando particularmente a física, a biologia, a cosmologia, a filosofia e a teologia. Princípios tão basilares para o intercâmbio de saberes e a busca do bem comum, que permanecem válidos ao discernimento atual – participado por cientistas, filósofos, teólogos e políticos – a respeito do presente e do futuro da vida na Terra. Com efeito, desde a publicação da mencionada carta, tem-se agravado a crise socioambiental, sem esquecer as guerras, migrações e pandemias que solicitam grandes esforços de colaboração entre governos, ciências e credos.

Quando se faz efetiva e próxima dos vulneráveis, essa colaboração viabiliza respostas criativas e solidárias aos

¹ Padre da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, Doutor em Teologia e Professor do PPGT da PUCPR.

desafios emergentes. Os eventuais confrontos entre ciência e fé – bem como os atritos entre as distintas ciências ou as distintas religiões – passam a segundo plano quando a prioridade é salvar vidas, humanas certamente, mas também das demais espécies que convivem no planeta.

Um dos princípios que João Paulo II apresenta ao diálogo entre ciência e fé é a *unidade na diversidade*: respeitar a diversidade das ciências que, nas diferentes vias metodológicas, encontram-se unidas no conhecimento da natureza; reconhecer também a diversidade humana, em termos culturais, étnicos e nacionais, sem descuidar a dignidade que irmana todas as pessoas, no respeito aos direitos humanos fundamentais; e, por fim, valorizar a convergência das diferentes ciências e religiões no compromisso com a verdade – em face da mentira, dos reducionismos e dos negacionismos que pervertem os fatos. Em suma, unidade de fins, com diversidade de meios: unidade relacional e colaborativa, de propósitos convergentes e esforços partilhados entre a ciência e a fé.

Ao que foi dito acima, agrega-se o princípio da *distinção, integridade e autonomia*: encorajar a abertura da Igreja Católica às ciências, com o diálogo entre filosofia, teologia e ciências naturais, por exemplo, não significa a absorção de um saber pelo outro. Também não se trata de reduzir a ciência à fé, ou a fé à ciência. De modo algum, pois as diferentes ordens de conhecimento solicitam diferentes métodos e sínteses que – mutuamente disponíveis – revelam suas distinções e suas semelhanças, apontando

caminhos diferentes para os mesmos fins. Afinal de contas, a ciência e a fé não se definem por autorreferência, mas pelo quanto promovem o bem, a justiça, a verdade e a vida plena de todo ser humano, junto às demais criaturas.

No que tange aos objetos e aos métodos, as ciências, como também a filosofia e a teologia, estão comprometidas com sua integridade epistêmica, com sua autonomia metodológica, para que a qualidade da investigação permita resultados seguros e verificáveis, que podem ser partilhados para o bem de toda a humanidade. Por outro lado, isto não se resolve apenas com a pesquisa rigorosa, mas pede a disposição dos sujeitos em boa-fé; pede honestidade intelectual e abertura (tanto crítica quanto receptiva) ao que o outro conhece, a partir de seu lugar e de sua linguagem. A alta competência científica não dispensa a virtude e a boa educação, dando licença fácil à arrogância e ao desprezo do outro, que levará perigosamente ao uso do saber pelo mero poder. Disso podem brotar muitos fundamentalismos, dogmatismos e ideologias de dominação, como a história nos comprova.

Neste sentido, João Paulo II acena à *humildade intelectual* dos cientistas, filósofos e teólogos, sobretudo diante do mistério, do ignoto e do paradoxal que – na construção do saber e na investigação dos fenômenos – traz novas perguntas, aponta limites ao já sabido e derriba as pretensões de isolamento ou dogmatização das disciplinas científicas. Um dos exemplos destacados, em sua carta, é o mistério da Criação: a origem, expansão e o fim do cosmo. A tal mistério, o Papa acrescenta aquele “de

nós mesmos” como “conhecedores e administradores da Criação” – efetivamente de uma Criação cujas potências despertam fascínio ou desconcerto, esperança ou assombro. Pois a imensidão do cosmo e o sentido da vida humana impactam o cientista, tanto quanto o artista e o místico! Desse modo, o *mystérion* latente no *phenômenon* convida o cientista, o filósofo e o teólogo a uma conversa franca a respeito do que sabem e do que ignoram. Todos distintos e ao mesmo tempo irmanados pela afirmação do ser contra o não ser, da existência contra a dissolução, da inteligibilidade contra o caos.

Assim se mostra outro princípio: a *inteligibilidade*. No dizer de João Paulo II, temos hoje “a oportunidade sem precedentes” de “um relacionamento interativo comum em que cada disciplina mantém sua integridade e ainda é radicalmente aberta às descobertas e percepções da outra”. Não se trata, porém, de tomar a “multiplicidade” como fim em si mesma – o que poderia resultar numa forma de “caos” –, mas de buscar a “inteligibilidade” do cosmo, da natureza e da humanidade, pelo diálogo entre ciência e fé.

Ora, a busca comum do *inteligível* se opera com a hipótese de que no mundo, na realidade experimentada e na vida manifesta há uma *inscriptio* (uma palavra ou inscrição interior) a ser decifrada pelas ciências, bem como pela fé. Nesta perspectiva, as ciências naturais e humanas – incluídas também as artes, a filosofia e a teologia – oferecem leituras específicas (e em muitos aspectos complementares) desta inscrição, revelando o sentido das coisas ao ser humano.

Aqui se abre o horizonte da beleza, do simbólico e do transcendente, sem que fiquem restritos ao campo imediato da arte, da hermenêutica e da teologia: o belo, o símbolo e a transcendência fazem parte da experiência humana, pessoal e coletiva, merecendo a atenção das diferentes ciências e religiões. Este é justamente o princípio da *transcendência*, que se combina com aquele da inteligibilidade.

A partir dos princípios expostos por João Paulo II, o ensaio de Ricardo Hoepers reitera que “a filosofia, a teologia e as outras ciências” não são necessariamente “antagônicas, contraditórias ou inimigas”. Podem ser “complementares” e abertas “ao intercâmbio”, especialmente quando “focam a busca da verdade”. Verdade que, para a tradição judaico-cristã, implica assumir a história humana como História de Salvação. Não ao modo de uma gnose ou noção intelectual, mas encontro entre Deus e humanidade no espaço-tempo da Criação, como drama ou sinfonia que se interpreta.

Feita de sinais, instrumentos e inúmeras notas, a sinfonia do cosmo e do tempo é uma composição plural e tão extensa, que sua execução inclui variações de escala e permite distintas interpretações. As ciências, a filosofia e a teologia se comparam a essas interpretações da mesma sinfonia, em páginas diferenciadas por instrumentos (de sopro, madeira, corda ou metal), que representam as respectivas epistemes e métodos.

Imerso nesta sinfonia está o ser humano, entre as energias e os ritmos do espaço-tempo. Espectador

e intérprete simultaneamente, busca ler a partitura do mundo ao situar-se entre o céu e a terra. Como sugerido pelo antigo mito de Prometeu, o ser humano foi composto de argila e água, elementos primordiais da vida; depois posicionado de corpo ereto, capaz de caminhar com firmeza enquanto seus olhos divisam os astros do firmamento. Esse mito – que Hoepers toma por referência – pode ser lido em dueto com a narrativa semita do Gênesis: o ser humano é uma criatura terrena (*adamá*) capaz de buscar as estrelas (*ad astra*). Entre terra e céu se põem suas conquistas mais altas e suas quedas; sua alegria pela proximidade e sua dor pela distância; sua força e sua fraqueza – como nos ensinam Adão e Prometeu, cada qual a seu modo.

Hoepers discorre sobre o percurso do ser humano na história, em busca de si e dos deuses, preso à gravidade da Terra e atraído pelo Sol altíssimo. Coube a Prometeu, um titã *philanthropo* (amigo da humanidade), roubar o fogo celeste e presentear-lo aos humanos, depois de os ter modelado à semelhança dos deuses. Essas duas ações ousadas – dotar os homens de inteligência e agraciá-los com o fogo – pesarão enormemente sobre os ombros humanos, visto que apenas um Titã poderia carregar tal fardo. Pois, ainda que esses dons promovam a realização humana, conjugar inteligência com fogo é ao mesmo tempo uma promessa e um risco. Buscar estrelas levará a inteligência humana a altas pretensões, a querer dominar um mundo que ela mesma não criou, descrevendo o firmamento desde seu pequeno ângulo terrenal. Possuir o fogo, por sua vez, permitirá o salto tecnológico da



